

TEATRODOELECTRICO.COM

NOITE DE REIS

UMA COMÉDIA DE SHAKESPEARE

DRAMATURGIA E ENCENAÇÃO RICARDO NEVES-NEVES



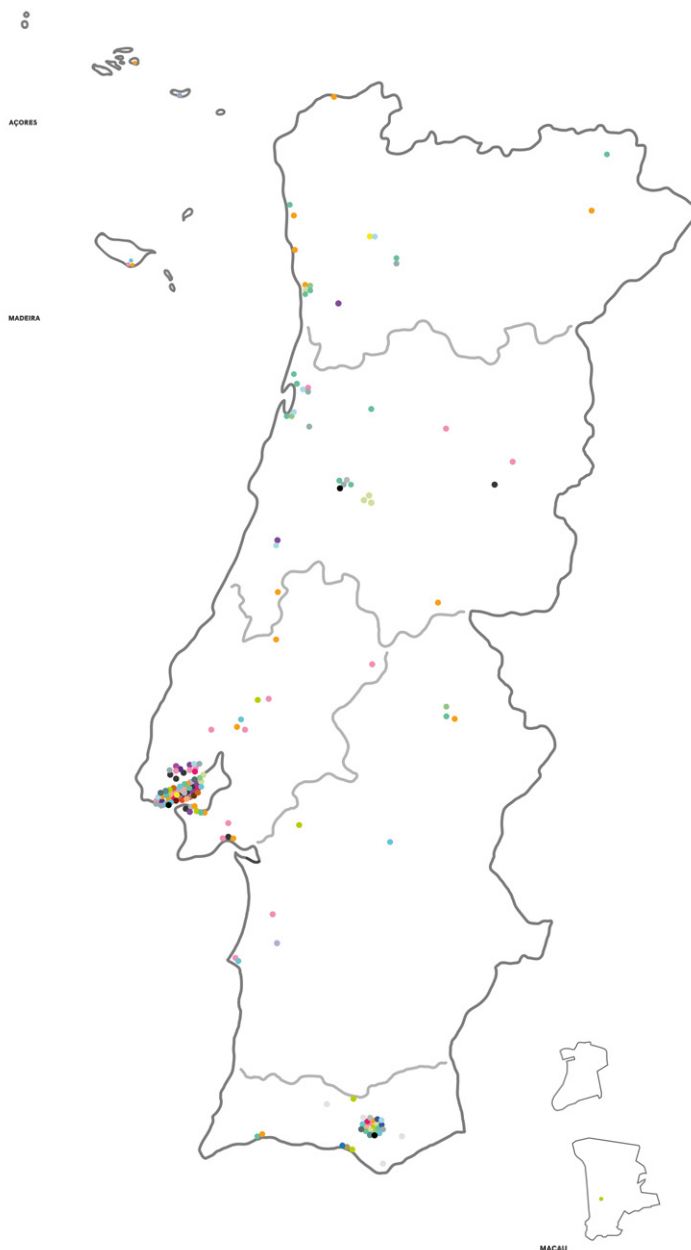
120 MIN
M12

HISTORIAL

O Teatro do Elétrico é fundado em 2008, composto por profissionais do espectáculo (Teatro e Música). É uma estrutura apoiada pela República Portuguesa – Cultura/Direção-Geral das Artes, pelo Cineteatro Louletano/Câmara Municipal de Loulé e pela Câmara Municipal de Lisboa.

Apresentou os seguintes espectáculos:

- O Regresso de Natasha | 2008**
Texto e encenação de Ricardo Neves-Neves
- Manual | 2008**
Texto de Patrícia Andrade e Ricardo Neves-Neves; encenação de Ricardo Neves-Neves
- Black Vox | 2009**
Textos e encenação de Ana Lázaro, Patrícia Andrade e Ricardo Neves-Neves
- A Porta Fechou-se e a Casa Era Pequena | 2010**
Texto e encenação de Ricardo Neves-Neves
- A Festa | 2011**
Texto de Spiro Scimone, encenação de Ricardo Neves-Neves
- Fantoches Gigantes | 2011**
Texto de Ricardo Neves-Neves, encenação de Paula Sousa
- O Solene Resgate | 2012**
Texto e encenação de Ricardo Neves-Neves
- Mary Poppins, a mulher que salvou o mundo | 2012**
Texto e encenação de Ricardo Neves-Neves
- Menos Emergências | 2014**
De Martin Crimp, encenação de Ricardo Neves-Neves
- Sebastião & Sebastiana | 2015**
Música de W. A. Mozart, libreto de J.J. Rousseau e encenação de Ricardo Neves-Neves
- A Batalha de Não Sei Quê | 2015**
Texto e encenação de Ricardo Neves-Neves
- Junho de Arco-Íris | 2015**
Texto e encenação de Ricardo Neves-Neves
- A Apresentadora de Televisão | 2015**
Texto de Copi e encenação de Ricardo Neves-Neves
- Ciclo de Leituras Eléctricas | 2015**
De Denis Lachaud, Copi e Victoriano Braga, encenação de Ricardo Neves-Neves
- Mãe com Açúcar | 2015**
Texto e encenação de Rita Cruz
- A Noite da Dona Luciana | 2016**
Texto de Copi, encenação de Ricardo Neves-Neves
- Encontrar o Sol | 2017**
Texto de Edward Albee, encenação de Ricardo Neves-Neves
- A Freguesia | 2017**
Uma criação de Ricardo Neves-Neves
- Karl Valentin Kabarett | 2017**
Textos de Karl Valentin e encenação de Ricardo Neves-Neves
- Banda Sonora | 2018**
Uma criação de Ricardo Neves-Neves e Filipe Raposo
- Catamarã | 2018**
Uma criação de Ana Lázaro e Ricardo Neves-Neves
- Alice no País das Maravilhas | 2018**
A partir de Lewis Carroll, encenação de Maria João Luís e Ricardo Neves-Neves
- A Menina do Mar | 2019**
Texto de Sophia de Mello Breyner Andresen, uma criação de Edward Luiz Ayres d'Abreu, Ricardo Neves-Neves e Martim Sousa Tavares
- Soberana | 2019**
Uma criação de Ana Lázaro e Ricardo Neves-Neves
- Dito por não Dito | 2019**
Textos de Alexandre O'Neill, Ary dos Santos, Camilo Castelo Branco, Fernando Pessoa, Gil Vicente, João Garcia de Guilhade e Natália Correia; Uma criação de José Leite, Rafael Gomes e Ricardo Neves-Neves
- A Reconquista de Olivença | 2020**
Uma criação de Ricardo Neves-Neves e Filipe Raposo
- A Voz Humana | 2021**
De Jean Cocteau, uma criação de Patrícia Andrade e David Pereira Bastos
- Hamster Clown | 2021**
Uma criação de Ricardo Neves-Neves e Rui Paixão
- O Anel do Unicórnio – Uma Ópera em miniatura | 2021**
Uma criação de Ana Lázaro, Martim Sousa Tavares e Ricardo Neves-Neves
- Cortes de Júpiter | 2022**
De Gil Vicente; Adaptação dramaturgica e encenação de Ricardo Neves-Neves; Composição de música nova de Filipe Raposo
- Transatlântico | 2022**
De Christopher Durang; adaptação dramaturgica e encenação de Ricardo Neves-Neves
- Noite de Reis | 2023**
De William Shakespeare e encenação de Ricardo Neves-Neves
- A Orquestra | 2023**
Co-criação e encenação de Ricardo Neves-Neves
- O Livro de Pantagruel | 2023**
Uma criação de Ricardo Neves-Neves e Filipe Raposo
- Maria da Fonte: Opereta de Augusto Machado | 2023**
Libreto moderno e encenação Ricardo Neves-Neves
- Definitivamente as Bahamas | 2024**
Uma encenação de Ricardo Neves-Neves





© Estelle Valente

NOITE DE REIS

UMA COMÉDIA DE SHAKESPEARE

M12 | 120 MIN

De
William Shakespeare
Versão dramaturgíca
e encenação
Ricardo Neves-Neves

Com
António Ignês
Cristóvão Campos
Dennis Correia
Filipe Vargas
João Tempera
Joaquim Nicolau
José Leite
Manuel Marques
Marco Delgado
Rafael Gomes
Ruben Madureira
Rui Melo
e **Tomás Alves**

Direcção musical
Mrika Sefa

Ensemble
Ana Cláudia Santos (flauta)
Eliana Lima (Trompa e Acordeão)
Filipa Portela (Soprano e Alaúde)
Helena Silva (violino)
Isabel Cruz Fernandes/Beatriz Ventura (Soprano)
Juliana Campos (Fagote e Canto)
Madalena Rato (Percussão)
Mrika Sefa (Teclados)
Rita Nunes/Nádia Anjos (saxofone)
Sofia Gomes/Teresa Soares (Violoncelo)
e **Rita Carolina Silva** (Mezzo)

Figurinos
Rafaela Mapril
Assistente de Figurinos
Elisabete Guerreiro
Assistente de Guarda-Roupa
Inês Oliveira
Construção de adereços
Lea Managil
e **Marisa Fernandes**
Confecção
Ana Baltar
Ana Santos
Ana Margarida Vieira
Cláudia Monteiro
Isabel Telinhos
Maria Afonso
e **Patrícia Margarida Silva**
Cenografia
Ana Paula Rocha
Assistentes de Cenografia
Carolina Mendes
e **Ricardo Varela**
Assistentes de Cena
Carolina Gonçalves
Inês Oliveira
Marco Santos
e **Ricardo Varela**
Desenho de Luz
Cristina Piedade

Coreografia
Rita Spider
Caracterização e Percus
Dennis Correia

Assistente de caracterização
Marco Santos
Sonoplastia
Sérgio Delgado
Video
Eduardo Cunha

Direção de Cena
Rosário Vale
Técnica de Luz
Janaina Gonçalves
Técnico de Som
André Sousinha
Técnico de microfones
Pedro Baptista

Ilustrações
José Cruz
Fotografia cartaz e spot TV
Pedro Macedo/Framed Films
Fotografias de Cena
Adriano Silva
Estelle Valente
e **Pedro Macedo**
Video Promocional
Eduardo Breda

Assistência de Encenação
António Ignês
Juliana Campos
e **Rita Carolina Silva**
Apoio à dramaturgia
Rita Carolina Silva

Comunicação e Assessoria
de Imprensa TdE
Mafalda Simões
Assistente estagiária
de Comunicação TdE
Ana Caetano
Produção TdE
Andreia Alexandre
Carolina Varela
e **Eliana Lima**
Produção Culturproject
Nuno Pratas

Coprodução
Teatro da Trindade INATEL
Teatro do Eléctrico
Cine-teatro Louletano
Convento São Francisco
e **Culturproject**

Apoios ao espectáculo
Associação Mutualista Montepio
Antena 2
Fundação das Casas Fronteira e
Alorna
Pecosita Pepito
Roca
Rumo do Fumo
Stannah
Super Soco
e **Watt- Electric Moving**

Uma das comédias mais populares de Shakespeare, *Noite de Reis* é um tesouro de ambivalência tragicómica no seu chiaroscuro constantemente revelado na própria escrita. Um retrato profundamente simples e cómico e por vezes profundo e existencial, personificado pelas trocas de identidade, disputas amorosas, constantes folias e partidas. *Noite de Reis* é uma comédia sobre o amor. No reino de Ilíria, o duque Orsino está apaixonado por Olívia, que não o ama. Uma jovem mulher, Violeta, chega a Ilíria levada pelo mar após um naufrágio. Ela tem um irmão gémeo, Sebastião, o qual ela acredita que morreu afogado no naufrágio. Violeta disfarça-se de homem, muda o seu nome para Cesário e encontra trabalho como mensageiro de Orsino. O trabalho de Violeta é mandar mensagens de amor de Orsino para Olívia. Olívia, apaixonada por Cesário (Violeta), achando que ela é um homem. Violeta apaixonou-se por Orsino, mas não pode revelar seu amor por ele, pois Orsino acha que ela é Cesário, um homem. Cria-se, assim, uma tempestade amorosa.

Equipa para itinerância
40 elementos

APRESENTAÇÕES EM 2024
2 MAI A 21 JUL
LISBOA | TEATRO DA TRINDADE
RESERVAS: 213 420 000

APRESENTADO EM
2023 | LOULÉ, CINETEATRO LOULETANO
2023 | COIMBRA, CONVENTO SÃO FRANCISCO
ESTREIA | 2023 | LISBOA, TEATRO DA TRINDADE

Escrita, supõe-se, por volta de 1601, *Noite de Reis* é uma das comédias mais celebradas de William Shakespeare (1564-1616), sendo também uma das mais representadas um pouco por todo o mundo. Este maravilhoso jogo shakespeariano, que se desenvolve em torno da ideia de identidade, resulta numa comédia insana, por vezes violenta, cheia de graça e riso fácil, mas simultaneamente melancólica e poética. Brinca-se – no melhor uso do termo – com tipos-sociais e identidade de género, e com a ofensa, a mentira e a determinação, tornando-se por isso (não só, mas também) uma peça intemporal e parte de um léxico universal, que nos marca de forma indelével.

Seria possível continuar a falar deste texto dramaturgico e do seu contexto, mas em boa verdade, importa olhar o tipo de objetos que continua a produzir, sem nos darmos conta. No trabalho de descoberta e de construção de uma dramaturgia, mesmo recorrendo a um texto com mais de 400 anos, reside a possibilidade que este nos oferece de podermos trilhar caminhos novos, com sinais e aspetos que dão sentido a um todo. O texto funciona como espelho da sociedade em que vivemos, sujeito a várias interpretações, mas que nos mostra como não somos assim tão diferentes daqueles que viviam na época em que foi concebido. Somos, afinal de contas, feitos da mesma carne e das mesmas fraquezas.

Num aspeto essencial, a peça fala de amor e da sua relação com a música. É um lugar-comum, facilmente entendido por todos: quando sofremos de amor, há sempre uma dor que é amparada pela música. Enterramo-nos mais no sofrimento com a ajuda de uma canção ou vivemos uma grande paixão à qual associamos uma música. No reino de Ilíria, é o amor ao sabor da música que acerta a trama entre o duque de Orsino, Olívia, Cesário (na verdade, Violeta) e o seu irmão gêmeo Sebastião. E é também isso que a torna transformadora aos nossos olhos, com ou sem finais felizes no horizonte das relações que estabelecemos ao longo da vida.

As figuras mitológicas de Apolíneo e Dionisíaco levam-nos também a entender melhor o que vemos em palco – regressando às reflexões de Nietzsche. Não se trata apenas de um engenhoso dispositivo cénico ou textual, como aquele que foi concebido pelo encenador Ricardo Neves-Neves e a sua equipa. Qualquer um dos tradutores (ou encenadores) de Shakespeare entende que é preciso mais do que aproveitar apenas uma potência de literalidade presente nas palavras do autor. Há naturezas e prostrações que são diferentes. Deve restar o equilíbrio – entre o princípio da razão e o princípio que representa o caos e a paixão – na hora de interpretar (ou traduzir), mas também reforçar o poder sedutor de levar qualquer um de nós a imaginar para além do que se mostra. A propósito disso mesmo, não é possível deixar de fora os ecos de contemporaneidade que surgem nesta *Noite de Reis*. Há uma imagem que não deixa de me pairar na cabeça, após algumas conversas com o seu encenador, que explica o desenho da sua arquitetura: “O que digo aos atores é: imaginem que o espetáculo é feito por um extraterrestre que esteve a observar humanos e quando regressa vai contar como é que eles vivem. Só que ele esteve na Terra mil anos e viu que andávamos a cavalo, de mota... e mistura aquilo tudo. Não especifica de que época são as motas ou uma bomba de asma. Quando isto se reproduz gera-se má informação, quase propositada, mas que me dá gozo. Depois, há que levantar a questão: porque é que vamos fazer a *Noite de Reis* pela milésima vez? E a resposta é: primeiro, porque o teatro é efémero e, depois, porque mesmo que integre a natureza do tempo em que foi escrita, também pode e deve integrar a natureza da nossa experiência.”

É possível dizer que Ricardo Neves-Neves é um encenador alienígena? Se sim, isso faz desta peça (e de outras que criou) uma espécie de OVNI? Gosto da imagem. Confirma uma ideia que já tinha desde que vi pela primeira vez algumas das suas criações: nada é normal; e nem sequer me atrevo a dizer que existe qualquer coisa a que se possa associar uma ideia de normalidade. Acima de tudo, a crença de que não há objetos intocáveis, aos quais não seja possível acrescentar leituras ou mecanismos que os fazem um pouco mais próximos de nós. A produção desta *Noite de Reis* escolhe fazê-lo com sofisticação e um elenco de atores apenas composto por homens – afinal no tempo de Shakespeare o acesso do palco era vedado às mulheres por ser entendido como lugar de pecado – mas até nisso acrescenta uma importante camada de reflexão, desde logo pela atração por uma ideia de androgenia que pairava na época e de uma inclinação homoerótica que está plasmada na sua escrita.

Noite de Reis repõe a comédia como género que nasce como fruto da sensibilidade e inteligência, das nossas emoções e do nosso lado racional, que vale e marca por si só. A peça relança a importância de termos o riso nas nossas salas de teatro. Um riso audível e legítimo, pontuado de inteligência e proveniente de um espetador que sabe ler e refletir. Que se sabe olhar ao espelho, pois claro. Esse olhar narcísico, mas também autorreflexivo, começa agora – para bem dos nossos pecados.

Ricardo Ramos Gonçalves

Jornalista

Janeiro, 2023

(Este texto foi escrito a partir de uma entrevista ao encenador)



© Estelle Valente





© Estelle Valente



© Estelle Valente

BIOGRAFIAS



RICARDO NEVES-NEVES

É licenciado em Teatro-Actores pela Escola Superior de Teatro e Cinema e Especialista em Estudos de Teatro pela Faculdade de Letras de Lisboa. Participa no Obrador d'Estiu-Dramaturgia (Barcelona), orientado por Simon Stephens. É o director artístico do Teatro do Eléctrico, onde escreve e encena.

Encenou também obras de Sophia de Mello Breyner Andresen, Ana Lázaro, Gil Vicente, William Shakespeare, Lewis Carroll, Edward Albee, Karl Valentin, Copi, Spiro Scimone, Charles Dickens, Martin Crimp, Christopher Durang, Ivan Calbérac, Matthieu Delaporte, Alexandre de la Patellière, Gilles Dyrek, Guilherme Gomes, J. J. Rousseau, W. A. Mozart, Pedro Mexia e Nuno Côrte Real. Peças suas foram encenadas por Mónica Garnel, Sandra Faleiro, Ana Lázaro, Paula Sousa, João André, Diogo Freitas, Joana Magalhães e Fábio Pinto.

Autor e co-encenador de *Floating Island* com Cheng-Ting Chen e Yi-Ting Hung, uma coprodução Théâtre de la Ville (Paris, França) e Taipei Arts Festival (Taipei, Taiwan). Leccionou a cadeira de Interpretação na Escola Superior de Teatro e Cinema e na ACT – Escola de Actores. Colaborou ainda com Teatro Nacional de São Carlos, Força de Produção, Artistas Unidos, Teatro da Trindade, APARM, Égide, Teatro da Terra, Primeiros Sintomas, Bandevelugo, Music Theatre Lisbon, Temporada Darcos, Teatrosfera, Teatro Meridional, Centro de Estudos de Teatro, Coffeepaste, Casa Conveniente, Teatro dos Aloés, Comédias do Minho, Revista Gerador, Cassefaz, Teatro O Bando e Procur.Arte.

Tem peças publicadas nas seguintes editoras: Artistas Unidos/Cotovia/Snob, Teatro Nacional D. Maria II/ Bicho do Mato, Companhia das Ilhas e Teatro da Terra. As peças foram traduzidas em Inglês, Francês, Catalão e Chinês.

A Porta Fechou-se e a Casa Era Pequena, de Ricardo Neves-Neves (Companhia das Ilhas, 2013);

Mary Poppins, a mulher que salvou o mundo e outras peças, de Ricardo Neves-Neves (Artistas Unidos/ Cotovia, 2014);

Entraria nesta sala... de Ricardo Neves-Neves (TNDM II, 2015);

Um Conto de Natal a partir de Charles Dickens (Teatro da Terra, 2015);

A Batalha de Não sei Quê e outros textos, de Ricardo Neves-Neves (Artistas Unidos/ Cotovia, 2017);

A Freguesia, de Ricardo Neves-Neves (C. M. de Loulé, 2017);

Banda Sonora/The Swimming Pool Party, de Ricardo Neves-Neves (Artistas Unidos/ Cotovia, 2020); Autor da peça *A Ponte do Barão* na colectânea *Cartografia da Dramaturgia Portuguesa* (Edições Húmus, 2021); *A Reconquista de Olivenza*, de Ricardo Neves-Neves (Artistas Unidos/Snob, 2022).



**Teatro
do Eléctrico**

WWW.TEATRODOELECTRICO.COM

NIF 508558727

Mafalda Simões | comunicação e assessoria de imprensa
mafalda.simo.es.tde@gmail.com | 962 941 942

José Leite | difusão
jose.leite.tde@gmail.com | 918 092 769

WhatsApp TdE | 912 129 469

PARA MAIS INFORMAÇÕES:



O Teatro do Eléctrico fez coproduções com São Luiz Teatro Municipal, Cineteatro Louletano/Câmara Municipal de Loulé, Teatro Nacional D. Maria II, Teatro Nacional São João, Teatro Municipal do Porto – Rivoli, LU.CA – Teatro Luís de Camões, Culturgest, Theatro Circo de Braga, Teatro da Trindade - INATEL, Convento São Francisco, Festival de Almada, Teatro Municipal de Ovar, APARM, CCB, Culturproject, Centro Cultural Vila Flor, Centro de Arte de Ovar, 23 Milhas, Centro Cultural Malaposta, Companhia Maior, Artistas Unidos, Teatro da Terra, Movimento Patrimonial pela Música Portuguesa, Galeria da Biodiversidade, Teatroesfera, Câmara Municipal de Lagos e Câmara Municipal de Guimarães.